



FOMES

CONTEMPORÂNEAS

ORGANIZAÇÃO
Caroline Filla Rosaneli


PUCPRESS

ORGANIZAÇÃO
Caroline Filla Rosaneli

FOMES CONTEMPORÂNEAS



Curitiba
2020

©2020, Caroline Filla Rosaneli e outros
2020, PUCPRESS

Este livro, na totalidade ou em parte, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa por escrito da Editora.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ (PUCPR)

Reitor

Waldemiro Gremski

Vice-Reitor

Vidal Martins

Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação

Paula Cristina Trevilatto

PUCPRESS

Coordenação

Michele Marcos de Oliveira

Edição

Susan Cristine Trevisani dos Reis

Edição de arte

Rafael Matta Carnasciali

Preparação de texto

Janaynne do Amaral

Revisão

Juliana Almeida Colpani Ferezin

Capa

Rafael Matta Carnasciali

Projeto gráfico

Paola de Lara Costa

Diagramação

Indianara de Barros

Conselho Editorial

Alex Villas Boas Oliveira Mariano

Aléxei Volaco

Carlos Alberto Engelhorn

Cesar Candiotto

Cilene da Silva Gomes Ribeiro

Cloves Antonio de Amissis Amorim

Criselli Maria Montipó

Eduardo Damião da Silva

Evelyn de Almeida Orlando

Fabiano Borba Vianna

Katya Kozicki

Kung Darh Chi

Léo Peruzzo Jr.

Luis Salvador Petrucci Gnoato

Marcia Carla Pereira Ribeiro

Rafael Rodrigues Guimarães Wollmann

Rodrigo Moraes da Silveira

Ruy Inácio Neiva de Carvalho

Suyanne Tolentino de Souza

Vilmar Rodrigues Moreira

PUCPRESS / Editora Universitária Champagnat

Rua Imaculada Conceição, 1155 - Prédio da Administração - 6º andar

Campus Curitiba - CEP 80215-901 - Curitiba / PR

Tel. +55 (41) 3271-1701

pucpress@pucpr.br

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Edilene de Oliveira dos Santos CRB 9/1636

F672
2020

Fomes contemporâneas / organizadora, Caroline Filla Rosaneli. –
Curitiba : PUCPRESS, 2020.
187 p. : il. ; 21 cm

Vários autores
Inclui bibliografias
ISBN 978-85-54945-78-7

1. Direitos humanos. 2. Segurança alimentar e nutricional. 3. Política pública.
4. Fome - Aspectos Sociais. 5. Desenvolvimento econômico.
I. Rosaneli, Caroline Filla.

SUMÁRIO

Prefácio	5
<i>Renato Sérgio Jamil Maluf</i>	
Diante da dor do outro	8
<i>Caroline Filla Rosaneli</i>	
A fome global e paradoxos das fomes específicas	17
<i>Malaquias Batista Filho, Maria das Graças Victor Silva e Maria de Fátima Costa Caminha</i>	
Fome e economia: um contraste insolúvel da ordem neoliberal	40
<i>Nilson de Paula</i>	
Reflexões e contradições sobre o comer na modernidade	56
<i>Anelise Rizzolo de Oliveira</i>	
Transformações na sociedade e dinâmica na abordagem de segurança alimentar e nutricional	65
<i>Walter Belik</i>	
Fome de cidadania: reflexões sobre a relação indivíduo-estado	79
<i>Thiago Assunção</i>	
Fome de cuidado	90
<i>Tatyana Scheila Friedrich e Nelton Miguel Friedrich</i>	
Fome de espiritualidade na contemporaneidade	103
<i>Monja Heishin Gandra</i>	
Fome de pazes	109
<i>Camilo Hernan Manchola-Castillo</i>	
Fome de beleza: a violação de um direito humano	126
<i>Jelson Oliveira</i>	

Convidados à mesa de Abraão: celebrar, incluir e comer na tradição judaico-cristã.....	139
<i>Marcial Maçaneiro</i>	
Fome de vida na contemporaneidade e a dopagem da infância: medicalização e direitos humanos.....	164
<i>Rodrigo Alvarenga</i>	
Sobre os autores.....	182

PREFÁCIO

Chamar a nossa atenção para as várias fomes contemporâneas, assim mesmo, no plural, e elucidar seus significados são os propósitos deste livro que tenho o prazer de apresentar. Seus capítulos percorrem um amplo espectro de acepções possíveis de um termo usualmente associado a necessidades, carências ou privações, mas que também pode exprimir desejos e expectativas no plano material e imaterial, assim como valores éticos e estéticos.

Trata-se de um percurso não linear, até tortuoso, que torna a leitura dos capítulos tão estimulante quanto desafiadora. Não se sabe ao certo o que encontraremos ao dobrar a esquina, no capítulo que se seguirá. O significado forte de fome como carência de alimentos que mata, que compromete o direito elementar à vida, se vê afirmado e ao mesmo tempo ampliado ou redirecionado para outras carências e direitos que, por sua vez, podem ser promotoras de “outras mortes”, como nos lembra a organizadora desta coletânea no primeiro capítulo.

Alguém pode se perguntar se esse proceder esvazia o termo de significado por uma espécie de esgarçamento do mesmo e, até mesmo, desconstrói uma referência tão importante nas lutas por justiça social. Não creio. É possível, ao contrário, que seu uso ampliado termine por enriquecer o significado primeiro e mais forte de fome, como demonstram os vários capítulos em que a ampliação dos significados carrega junto os alimentos e a alimentação. Além disso, a leitura desta obra nos lembra os versos da conhecida canção popularizada pelos Titãs que nos interpela – “Você tem fome de quê?” –, e conclui: “A gente não quer só comida; A gente quer comida; Diversão e arte”.

Uma olhada no sumário desta coletânea mostra que ela reúne capítulos com significativas contribuições para abordar as fomes como expressões de desigualdades, conflitos, contrastes e contradições das sociedades contemporâneas, algumas delas com raízes muito antigas na história da humanidade. Está implícito que essas contribuições mobilizam um referencial multidisciplinar, ampliando, desse modo, o leque de leitoras(es) que dele

podem tirar proveito, ao mesmo tempo que estimula o sempre necessário diálogo entre saberes.

Assim, a coletânea inicia com distintos olhares sobre a “fome de alimentos” oriundos dos campos da Saúde, Nutrição e Economia Política, incluindo várias transposições de fronteira na direção das Ciências Humanas e Sociais. Dentre os vários aspectos abordados, destacam-se a capacidade dos diagnósticos e instrumentos atuais darem conta das várias carências associadas à fome, a inscrição dessa mazela na ordem econômica neoliberal que nos aflige há tempos, como a ordem social implica contradições nos modos de comer modernos, e as possibilidades da noção de segurança alimentar e nutricional contemplar essas questões e traduzi-las em ações e políticas públicas.

Ainda mais diversos são os olhares sobre as “fomes” de componentes fundamentais para uma vida digna e o bem-estar social. Há um inegável valor intrínseco a esses componentes, além de serem essenciais para a própria compreensão da fome de alimentos. Esse é o caso do requisito da cidadania, inscrito nas mobilizações sociais no Brasil desde o início da década de 1990, uma delas sustentando ser a fome uma negação da cidadania. A incorporação da ética do cuidado pode vir a ser uma das grandes conquistas dos tempos atuais, no caso, exemplificada com sua aplicação à questão crucial da água. Em direção contrária, caminha o “malcuidado” representado pelo uso abusivo de drogas psiquiátricas praticado pela medicalização que acarreta a dopagem de crianças.

A incursão no campo da espiritualidade encontra nos alimentos e na alimentação um campo fértil pela natureza de ambos, nos sentidos literal e simbólico dos alimentos para o espírito. Ressalta-se a inclusão de dois capítulos dedicados à paz e à beleza, que estão entre as principais aspirações dos dias atuais, ambas portadoras de forte componente de direitos humanos, numa etapa da história em que as várias “pazes” são persistentemente negadas ao mesmo tempo que a busca da beleza nas várias culturas se vê cerceada.

Finalizo essa apresentação referindo-me ao capítulo que aborda a celebração e inclusão associadas ao comer na tradição judaico-cristã. Isto por considerar oportuno dar o devido destaque ao tema da comensalidade nem

sempre abordado em sua amplitude. Como demonstrado em artigo de Albert Hirschman, a dimensão pública potencial do comer, para além da ingestão de alimentos, coloca a refeição como uma ponte entre funções privadas e públicas, enriquecendo assim a sua análise e ampliando as implicações políticas possíveis.

Desejo a todos uma proveitosa e prazerosa leitura.

Renato Sérgio Jamil Maluf

*Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento,
Agricultura e Sociedade (CPDA)
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)*

DIANTE DA DOR DO OUTRO

Caroline Filla Rosaneli

“Cada dia a natureza produz o suficiente para nossa carência. Se cada um tomasse o que lhe fosse necessário, não haveria pobreza no mundo e ninguém morreria de fome.”

Mahatma Gandhi

A fome e a abundância estão em constante foco no cenário da contemporaneidade. As diferentes e perversas formas de fome que alimentam o mundo contemporâneo passam quase invisíveis perante tantas violações que o ser humano enfrenta diariamente.

A argumentação desta pálida e insana realidade, é que nós seres humanos, não estabelecemos qual é força moral da fome no mundo. O constrangimento de ser uma espécie que assassina seu semelhante jogando comida e esperança fora todo dia, afronta a dignidade e os direitos humanos. É uma violência e um insulto que desumaniza e destrói o corpo.

Quando falamos sobre fome, certamente muitos dos leitores pensarão no breve tempo antes de uma refeição e seu corpo orgânico físico manifestando um “barulho no estômago”. A experiência que este capítulo tenta refletir é sobre a fome que nunca sentimos, por estarmos priorizados em acesso aos nossos direitos humanos básicos, como educação, moradia, alimentação, sejam nas formas que foram concedidas ou experimentadas.

Mas aqui não é só de fome de alimentos ao corpo, é uma fome de todas as formas de corpo físico e espiritual e de território. Fome de valores e de pertencimento. De um ser que aos olhos de outros seres humanos estão invisíveis. Nascem, vivem e morrem imperceptíveis.

Com a insensibilidade, a indiferença e a falta de solidariedade, em privilegiar o indivíduo, e não a coletividade, a apropriação privada e não a coparticipação solidária, a nossa sociedade promove uma ética egoísta e

excludente, e tenta justificar moralmente tal realidade que afronta a história da humanidade.

O desperdício de alimentos é uma violação de extrema gravidade moral, aos que passam fome, aos que gastam energia em produzir o alimento, e ao planeta que se exauri a cada dia, a cada estação do ano, a cada década, para alimentar apenas a fome mercadológica. Um terço do que é produzido não chega nem se quer, as mãos de consumidores. São ações que produzem danos a todos os tipos de vida na Terra.

Mas a desigualdade não inclui os desiguais. Em tempos onde tudo parece mensurável, segundo Caparros (2016), os números não são capazes de compreender a conta do valor de uma vida. Os números não olham as biografias humanas. Os números mensuram a fome de todas as formas, mas não são capazes de modificar a capacidade de reação, de transformar indignação em ação.

Para Sontag (2003), a força moral de fotos trágicas de vidas humanas violadas estaria neutralizada pelo excesso de exposição, incluindo midiática. Embriagados por imagens de causar indignação, teríamos perdido a capacidade de reagir. E por vezes, defende que abstrações como essa são irrelevantes em face do sofrimento real das vítimas.

O domínio do poder econômico sobre o poder político nos torna reféns e faz com que os ganhos não sejam compartilhados em benefícios de todos, o que institui ao poder político uma distância do bem comum. Somente com uma reviravolta nesse cenário, com uma inversão de valores, com uma economia não submetida à política, e esta, orientada por uma ética que promova a solidariedade, a compaixão e a justiça, será possível reduzir ou eliminar a fome no mundo e assegurar a dignidade a toda a humanidade.

Será que o modelo econômico está pronto para olhar para os humanos em favor da vida, ou apenas da vida mercado? Desconstruir este modelo polarizado e concentrado nas mãos de vilões corporativos, o valor de quem pode e vai comer, é um desafio emergencial a ser reconhecido e tratado. Não há nenhuma explicação para manter o joio e o trigo juntos no mercado da alimentação. E deste mercado capital que podemos visualizar todas as formas de fomes carentes e excessivas, de ordem política, moral, ética, ideológica, rural, urbana, humana, não humana e planetária.

Dentre os direitos humanos, alimentar-se dignamente é o mais constantemente violado. Por isso, a falta de alimentos seguro e constante se remete à palavra fome. As diferentes formas de violações ao direito humano à alimentação adequada, que produz as diferentes fomes, não é uma eventualidade do destino, mas de uma má conduta dos próprios humanos.

A fome é a principal causa de morte e desamparo do nosso planeta, segundo Ziegler (2013). A fome mata por agonia, silenciosamente. A fome por falta de alimento adequado e constante leva a marginalização social e perda de autonomia. Este é um fato que existe e persiste, apesar das tentativas de enfraquecer sua autoridade, provocando apenas uma comoção transitória.

Porque o sofrimento diante da dor do outro, não afeta como uma terapia de choque, e não consegue ferir o espectador ao ponto de que, esta guerra de misérias possa ser banida da história humana são contextos de indagações sem respostas certas.

É brutal, mas é necessário falar sobre o tema da fome, que desaparece com milhões de pessoas por ano, por inúmeras violações aos direitos humanos. A fome mais reconhecida é a falta de alimento diário constante e em populações vulneráveis. Os menos favorecidos que moram no campo e na cidade, e as vítimas de catástrofes são os mais vulneráveis nestas situações de insegurança. Nas zonas de guerras são negadas todas as formas de alimentar a vida.

O desejo de libertação do corpo e do espírito diante da impossibilidade de realização de uma sociedade melhor, na percepção de Greco (2007), é alimentada pela trágica dicotomia entre classes ricas e pobres, representando a velha luta entre opulência e miséria. Desde muito tempo, a cozinha das casas, precisava ser defendida dos pobres e dos famintos, pois a vida cotidiana, cansativa e errante dos pobres é uma desilusão social. O desordenado e caótico encher a barriga, é apenas um sonho.

Questões morais e éticas envolvem os enfrentamentos da fome e de quem por ela passa. Não há formas naturalmente de serem resolvidas, se não pela própria mão de quem causa este dano ao seu semelhante.

Porém, há outras formas de violações sobre o consumo de alimentos, ou a falta dele. A obesidade e a desnutrição são formas importantes de violações contra a existência humana, porque matam igualmente por acesso irregular a alimentos inadequados para vida.

A submissão aos interesses mercadológicos traz uma falsa liberdade e autonomia ao consumidor, mantendo uma relação de desigualdade. Para além da relação entre consumidores, o Estado deveria ser responsável por intermediar as informações fornecidas sobre alimentos à população, inclusive por meio de ações regulatórias, considerando a interface entre os direitos à informação, à alimentação adequada e à saúde.

As principais causas de morte no mundo estão ligadas ao excesso e à falta de comida no corpo físico. Delas se alimentam um devastador e desvirtuoso comércio de ingredientes contaminantes da vida.

A *fome estrutural* e *conjuntural* descritas por Ziegler (2013), é identificada como conceitos, porém, não como resolução.

A *fome estrutural* é designada pela produção insuficiente de um país, violando a soberania alimentar de um povo e aniquilando a dignidade da nação. São notórias a simultaneidade dos mercados globalizados de alimentos e a fragilidade humana perante a fome de acesso a alimentos saudáveis (ROSANELI et al., 2015).

Hoje, vivem-se diferentes fomes que expõem a vida frágil sem autonomia, sem informação e sem escolhas. O acesso ao alimento é imaginado como opção de bem-estar e para “matar a fome” na correria da vida urbana. Pouco se sabe sobre as derivações e opções de mercado que temos e, quando isso é imposto aos seres vulneráveis que são todos os seres, aos que tem dinheiro e acesso aos alimentos, mas aos que não tem também, enquanto os primeiros morrem pelo excesso, os segundos morrem pela falta.

A *fome conjuntural* é produzida por processos ambientais como catástrofes naturais e guerras, fazendo de vítimas inúmeros refugiados. Embora essas situações tenham visibilidade como tragédias, a crise alimentar decorrente destas ações humanas ou ambientais estão colocando os vulneráveis em condições incompatíveis com a vida, pois os alimentos não chegam de forma suficiente por questões políticas.

Dentre os modelos descritos, uma a cada sete pessoas na face da Terra (ZIEGLER, 2013) são vítimas. Esta geopolítica assombrosa da fome faz destruição em massa de forma singular, indecente, aniquiladora e quase invisível. Para romper o ciclo da fome, precisamos de que recursos humanos que não perpetuem a indiferença, o silêncio e as agressões aos vulnerados.

Os métodos produtivos consagrados pela Revolução Verde foram insuficientes e inadequados para lidar com a necessidade urgente de preservar e regenerar ecossistemas do planeta, integrando sociedade e natureza (ABRAMOVAY, 2008). Em franco estado de esgotamento, o sistema alimentar ecológico está devastado e transformado em benefícios de alta produtividade para acesso de poucos.

Considerando que toda pessoa, sem distinção, tem o direito de se beneficiar das mesmas elevadas normas éticas para vida em sociedade com garantias de sua integridade pessoal, respeitando sua dignidade (UNESCO, 2005), como a fome sendo uma luta pelo corpo vivo, pode causar tanto sofrimento em quem vive, e sem efeito sobre quem as vê ou ouve falar?

Para Caparros (2016), que investigou inúmeras e severas histórias sobre a fome, nossa civilização está tão acomodada que é incapaz de compreender a violenta conta de que morre de fome a cada minuto cerca de 10 pessoas no mundo. Fome gerada pela fome dos esfomeados.

Para Sen (1999), muita coisa relacionada com a pobreza é suficientemente óbvia. Sem critérios complicados podemos reconhecer a pobreza e seus antecedentes, mas nem tudo que se diz relacionado a ela, é tão simples assim. Da pobreza surgem inúmeras fomes. Fomes ricas e fomes pobres. De sentimentos e de visibilidades.

A *fome contemporânea* é uma arma que mata silenciosamente de várias formas. Não é a escassez que mata, é a produção além da necessidade, para suprir demandas mercadológicas e monetárias, que excluem os mais vulneráveis, incluindo o produtor rural, que expande numerosamente a produtividade pela mísera sobrevivência dos seus pares, ou inclui também populações urbanas conectadas as expressivas opções de alimentação pronta, fora e dentro do lar, incapacitando sua qualidade de vida e de sua família, por se alimentar de “alimentos prontos”.

A *fome de excessos* de alimentos e de todo o conteúdo de nutrientes indevidos contidos neles, que auxiliam o aparecimento precoce de doenças crônicas não transmissíveis, traz a reflexão que não só de falta de alimentos, mas do excesso deles, morremos, tão silenciosamente pela boca, pela falta de informação, pela falta de proteção do Estado e pelos excessos do capital.

A *fome de excessos* e de *faltas* são produto de um sistema alimentar perverso. A autonomia nas escolhas alimentares é negada por inúmeras razões. A falta de proteção do Estado em troca de alimento como mercadoria será irreparável para esta e as futuras gerações. A educação para cidadania e emancipação para a vida é a única arma poderosa para deter o poder neste desequilíbrio de liberdades.

Diante das políticas que desprotegem a vida, em nome de um modelo de mercado às escuras, sem informação segura ou comunicação de risco à cadeia alimentar, o ser humano não está seguro e nem a salvo. Há necessidade de gerar mecanismos de intervenção e de regulação que permitam estabilizar os preços, controlar as importações, e criar reservas específicas para quando os alimentos se tornarem escassos. Em nível nacional, os países têm que ser soberanos na hora de decidir seu grau de autossuficiência produtiva e priorizar a produção de alimentos para o consumo doméstico, sem intervenções externas (ESTEVE, 2017).

A fome e a desnutrição configuram flagrante injustiça social e são iniciativas sociopolíticas equivocadas, e essa condição de iniquidade carece de tomada de decisões que disponha de amparo ético, pois o problema alimentar é gerenciado pelo modo de organização da sociedade moderna, que privilegia o lucro em detrimento do respeito à vida humana (ROSANELI et al., 2016; ROSANELI et al., 2018).

Uma criança obesa e/ou com complicações de saúde causada pelos excessos de alimentos inseguros é um assassinato com as mesmas violações da ausência de alimento. A criança por ter sua autonomia parcial, torna-se incapacitada de escolher alimentos e ter a percepção de cuidar de sua saúde. Nestes casos, a fome suprida pelos cuidadores das crianças precisa ser repensada. Do que as crianças sentem fome? De alimentos que conhecem? De produtos que foram oferecidos e reconhecidos com atos simbólicos de afeto e cuidado? De segurança? De drogas? De cuidado e proteção? De espiritualidade? De infância?

De onde vem a indiferença temperada e singular da espécie humana que diante da dor do outro, diante de tanta barbárie já experimentada, não consegue se mover e mudar o sentido da vida na Terra.

A *fome de informação* parece ser um anestésico utilizado sem prescrição pela devastadora experiência de olhar adiante dos severos danos morais em que a vida humana está. Talvez seja uma guerra sem razão, com grandes armas nas mãos. Armas que matarão a si e aos mais distantes seres do planeta. Morreremos todos desarmados de amor, e com pouca oportunidade de reconhecer no outro, sua dor.

Na suprema Constituição Federal Brasileira o direito à alimentação e a vida são garantias. Quantas violações a vida humana suportará sobre distintas formas de acesso e respeito?

Certamente questões políticas e éticas estão no centro deste diálogo confuso e paralelo. Temos fome diferentes e ímpares. Mas no espaço comum entre elas, estamos esquecendo que perpassam interligados todos os seres entrelaçados.

A fome mata. De diversas formas e quantas vezes puder. Por isto, alteridade, espiritualidade, justiça, e tantos outros desejos necessitam no silêncio de sua própria fé, descobrir as motivações e força motriz para trabalhar em benefício da família humana. Isto serve para alimentos e para sentimentos.

Quando Francisco (2017) traz o diálogo das guerras e das mudanças climáticas provocando a fome mundial, ele pede que haja cooperação internacional conjugada com igualdade de tratamento, solidariedade, cultura do dom, fraternidade e misericórdia, como esperança de resolução das fomes causadas pelo homem. Tornando necessário repensar o exercício estéril para justificar os egoísmos e a inatividade criados pelos homens para os homens.

Faz-se necessário muita lucidez para enfrentar o tempo contemporâneo alimentado no seu cotidiano por incertezas e indiferenças. Dentro de cada um de nós há fomes específicas, sendo assim, que delas possamos nos alimentar para crescer, permanecer e pertencer.

Não podemos aceitar que a fome seja a maior ameaça à espécie humana. Que cada fome possa ser alimentada e saciada de uma vida justa.

Não se alcançará paz e justiça social se a chaga da fome não for removida do convívio humano, e os homens e mulheres possam ter a consciência livre e alimentada de esperanças.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, R. Integrar sociedade e natureza na luta contra a fome no século XXI. *Cad. Saúde Pública*, v. 24, n.11, p. 2704-2709, 2008.
- CAPARROS, M. *A fome*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.
- ESTEVE, E. V. *O negócio da comida: quem controla nossa alimentação?* São Paulo: Editora Expressão Popular, 2017.
- FRANCISCO, Papa. *Visita do Papa Francisco à sede da FAO em Roma por ocasião do Dia Mundial da Alimentação*. 16 out. 2017. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/october/documents/papa-francesco_20171016_visita-fao.html. Acesso em: 19 dez. 2019.
- GRECO, R. Literatura e fome: representação da velha luta entre opulência e miséria. *Baleia na Rede*, v. 1, n. 4, p. 146-151, 2007.
- ROSANELI, C. F. et al. A fragilidade humana diante da pobreza e da fome. *Revista Bioética*, v. 23, n.1, p. 89-97, 2015.
- ROSANELI, C. F. et al. A fome o sistema alimentar: a violação da dignidade humana. *Revista Brasileira de Bioética*, v. 12, n. 3, p. 1-12, 2016.
- ROSANELI, C. F. et al. Entre o desperdício, a inocuidade e a escassez: considerações bioéticas sobre segurança alimentar. In: SGANZERLA, A.; FORTES, P. R.; RENK, V. (Org.). *Bioética ambiental*. 1. ed. Curitiba: PUCPRESS, 2018. p. 124-134.
- SEN, A. *Pobreza e fomes: um ensaio sobre direitos e privações*. Lisboa: Terramar, 1999.
- SONTAG, S. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura. *Declaração Universal de Bioética e Direitos Humanos*. 2005. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001461/146180por.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2016.
- ZIEGLER, J. *Destruição em massa: geopolítica da fome*. São Paulo: Cortez, 2013.

SOBRE OS AUTORES

ANELISE RIZZOLO DE OLIVEIRA

Nutricionista e sanitarista, mestre em Saúde Pública, doutora em Política Social, pós-doutorado em Antropologia da Alimentação no Observatório da Alimentação da Universidade de Barcelona. Atua em diversas áreas, tais como: educação popular; políticas públicas e participação social em saúde; soberania e segurança alimentar e nutricional; direito humano à alimentação adequada e saudável; alimentação; nutrição e ciências sociais. Professora associada da Universidade de Brasília (UnB).

CAMILO HERNAN MANCHOLA-CASTILLO

Doutor em Bioética pela Cátedra UNESCO de Bioética da Universidade de Brasília e, atualmente, desenvolvendo pós-doutorado na mesma instituição. Pesquisador e professor de Bioética na Cátedra UNESCO de Bioética da UnB e consultor de Bioética no Ministério da Saúde do Brasil.

CAROLINE FILLA ROSANELI

Pós-doutora pela Cátedra UNESCO de Bioética da Universidade de Brasília. Docente do Programa de Pós-Graduação em Bioética da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Docente visitante no Doutorado em Humanidades da Universidade Católica de Moçambique. Pesquisadora na área de alimentação, saúde pública, direitos humanos e bioética.

JELSON OLIVEIRA

Professor e atual coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), desenvolve pesquisas ligadas à crítica da cultura, ética da responsabilidade e filosofia da tecnologia. Autor de diversos artigos e livros, entre os quais está “Negação e Poder: do desafio do niilismo ao perigo da tecnologia” (EDUCS, 2019).

MALAQUIAS BATISTA FILHO

PhD em Saúde Pública. Professor Emérito das Universidades Federais de Pernambuco e da Bahia. Bolsista 1-A do CNPq. Professor de Saúde Integral Instituto de Medicina Integral Prof. Fernando Figueira (IMIP). Ex-presidente do Centro Josué de Castro.

MARCIAL MAÇANEIRO

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma), com Pós-doutorado junto à Universidade Católica Portuguesa (Lisboa). Docente do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Pesquisador com projetos sobre Religiões Abraâmicas, Ecumenismo e Ecoteologia. Autor e conferencista. Membro da Comissão Internacional de Diálogo Católico-Pentecostal (Vaticano) e delegado *ad hoc* no *Global Christian Forum*.

MARIA DAS GRAÇAS VICTOR SILVA

Mestre em Psicologia da Educação pela Faculdade Lusófana de Portugal. Docente de Pós-Graduação de Psicologia da Faculdade Frassinetti do Recife (FAFIRE), coordenadora dos cursos de Especialização em Avaliação Psicológica e Psicologia no Âmbito da Saúde Mental.

MARIA DE FÁTIMA COSTA CAMINHA

Pós-doutorado em Saúde Integral. Docente do Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) do Instituto de Medicina Integral Prof. Fernando Figueira (IMIP). Coordenadora do Grupo de Nutrição do IMIP.

MONJA HEISHIN GANDRA

Monja Zen Budista da Tradição Soto Zen Japão. Discípula de Monja Coen Roshi. Nome civil Maria de Lourdes Ribeiro Gandra. Formada em Pedagogia e com especialização em Gestão Ambiental. Durante 36 anos, a sua vida profissional foi no Governo do Estado de São Paulo, em assessoria e capacitação na implementação de políticas públicas sociais, ambientais e direitos humanos. Dedicada aos movimentos de Cultura de Paz e Não Violência.

NELTON MIGUEL FRIEDRICH

Advogado e consultor. Foi deputado constituinte em 1988 e coordenador do Programa Cultivando Água Boa da Itaipu Binacional (2003-2016). Possui diversos textos e artigos publicados na área socioambiental.

NILSON MACIEL DE PAULA

Graduado em Economia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), Mestre em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Doutor em Economia pela University College London com Pós-Doutorado na University of Reading/UK. Professor Sênior do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da Universidade Federal do Paraná, onde trabalha com temas relacionados aos sistemas agroalimentares e à segurança alimentar e nutricional.

RENATO SERGIO JAMIL MALUF

Professor titular do Departamento de Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), com pós-doutorado na Oxford University e na Ecole des Hautes Etudes em Sciences Sociales de Paris. Ex-presidente do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e membro do Comitê de alto nível de especialistas em Segurança Alimentar da ONU e UNESCO. Coordenador da Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional.

RODRIGO ALVARENGA

Professor do Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Políticas Públicas e do Curso de Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com estágio de pesquisa na Université Paris 1 (Panthéon-Sorbonne). Membro da Coordenação do Núcleo de Direitos Humanos da PUCPR e coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Direitos Humanos, Saúde Mental e Políticas Públicas.

TATYANA SCHEILA FRIEDRICH

Doutora em Direito Internacional pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), com pós-doutorado em Migração e Trabalho na Fordham University (NYC). Atualmente, é professora associada e coordenadora do Programa Política Migratória e Universidade Brasileira e da Cátedra Sérgio Vieira de Mello (ACNUR) na UFPR e líder do Grupo de Pesquisa Nupesul (CNPq).

THIAGO ASSUNÇÃO

Doutor em Direito Internacional pela Universidade de São Paulo (USP), com período como pesquisador visitante na Universidade de Genebra (Suíça). Possui Mestrado em Educação para a Paz: Direitos Humanos, Cooperação Internacional e Políticas da União Europeia pela Universidade de Roma Tre (Itália). Professor da Escola de Direito e Ciências Sociais da Universidade Positivo (UP). Pesquisador e consultor internacional.

WALTER BELIK

Professor Titular Aposentado do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Graduado em Administração de Empresas, Mestre e Doutor em Economia. Livre Docente em Economia pela Unicamp. Foi membro do CONSEA (2003-07) e Coordenador da Iniciativa América Latina e Caribe sem Fome, projeto conduzido pela FAO/ONU, durante o ano de 2007. Foi coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alimentação (NEPA) da Unicamp por dois mandatos, entre 2008 e 2012. Atuou como Diretor do Instituto Confúcio da Unicamp entre 2014 e 2016. Participa do *High Level Panel of Experts (Committee on World Food Security)*. Bolsista Produtividade em Pesquisa CNPq PQ-2. Atua como conselheiro voluntário no Banco de Alimentos da Associação Prato Cheio de São Paulo.

